[MERCADO DE CARBONO]

Correndo **contra o tempo**

A salvação do mercado de carbono encontra-se nas mãos do **Parlamento Europeu**, que poderá votar em abril um pacote de reformas com a finalidade de puxar para cima os preços das licenças de emissão, que correm risco de virar pó. Não será fácil aprovar as medidas – a principal consiste no engavetamento, até 2019, de 900 milhões de licenças de emissão (cada licença representa 1 tonelada de CO_2 equivalente). Respaldado pelo ferrenho *lobby* corporativo antirreforma, capitaneado pelo BusinessEurope, o bloco conservador somente será derrotado na votação se social-democratas e verdes conseguirem apoio da esquerda e de boa parte dos parlamentares liberais.



GIUGIARO21/GALERIA FLICKR

Em virtude da recessão no Velho Continente, os preços das licenças (*allowances*) despencaram para 4 a 5 euros – já chegaram a valer 30 euros antes da turbulência econômica. As licenças, ou permissões, são concedidas às empresas sem custo ou por meio de leilões. Se ultrapassar o limite máximo autorizado para suas emissões de CO_2e, a empresa precisa comprar licenças de companhias que emitiram abaixo do teto permitido (com sobras de licenças).

O problema é que a desaceleração da atividade econômica diminuiu as emissões além do que era previsto em função das metas de corte assumidas pela União Europeia, resultando em uma sobra enorme de licenças no colo das empresas. A lei da oferta e da procura foi implacável com o mercado de carbono, que desabou e não consegue se reerguer.

Uma falência do Esquema de Comércio de Emissões da UE (EU-ETS) seria um desastroso revés para a transição rumo à economia verde. Também respingaria negativamente nos planos para o lançamento de mercados regulados de carbono na Austrália, Tailândia, Vietnã, China, Taiwan e México. O mercado de carbono da Europa é o maior do mundo, tendo movimentado 90 bilhões de euros em 2010.– **JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA**

[EMPREENDEDORISMO]

BRASILEIRAS & CIA

É cada vez mais feminina a cara do empreendedorismo no Brasil. O País conta atualmente com 19 milhões de mulheres à frente de negócios e, no mundo todo, é onde mais mulheres abrem empresas, principalmente pequenas e médias. Elas estão no comando de 60% desses negócios, percentual acima da média na região da América Latina e do Caribe.

Esses números são prova de como a mulher ganhou espaço na economia nacional e familiar. Segundo dados do Censo 2010, 35% dos lares brasileiros são mantidos por elas. Para incentivar ainda mais o empreendedorismo feminino, no fim de janeiro, o Banco Itaú e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) firmaram parceria para um programa de crédito e apoio a empreendedoras, o Women Entrepreneurship Banking (WEB).

O objetivo do projeto é estudar a criação de políticas de crédito, produtos e serviços específicos para o público feminino. Uma das etapas é atender 1.500 empresárias do mercado de franquias e pequenas empresas em setores nas quais as mulheres têm tradicional participação – como vestuário e beleza – para um piloto. Dentro de dois anos, serão identificadas as necessidades financeiras e não financeiras desse grupo, fechando a análise dos dados.

Estudar políticas de crédito para mulheres, contudo, exige atenção com a realidade social e econômica em que estão inseridas as empreendedoras. Segundo Daniela Carrera-Marquis, representante do BID no Brasil, 70% das empresárias relatam dificuldades para obter financiamento. Seus negócios demoram mais para crescer do que os comandados por homens e permanecem mais tempo como médias e pequenas empresas. "Culturalmente, os bens das famílias ficam no nome dos maridos ou pais. É uma das razões que dificultam a aprovação de crédito para mulheres", disse Daniela, em evento de lançamento do WEB. Por outro lado, ressalta que as mulheres têm baixas taxas de inadimplência, o que faz valer a pena a concessão de empréstimo. – **POR THAÍS HERRERO**



FORA DO EIXO/GALERIA FLICKR